



A APRENDIZAGEM DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA

UNIDADE 3 ANO 1

Fevereiro de 2013

SUMÁRIO / PAUTA DO ENCONTRO

A APRENDIZAGEM DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA

Iniciando a conversa (pág.5)

Aprofundando o tema (pág.6)

A escrita alfabética: por que ela é um sistema notacional e não um código? Como as crianças dela se apropriam?

O Ensino do Sistema de Escrita Alfabética: por que vale a pena promover algumas habilidades de consciência fonológica?

Compartilhando (pág.27)

Trabalhando as atividades do livro didático em sala de aula

Os jogos como importante recurso didático para a aprendizagem do SEA

O trabalho em sala de aula com os livros dos acervos complementares

Aprendendo mais (pág.43)

Sugestões de leitura

Sugestões de atividades para os encontros em grupo





Iniciando a conversa

Nesta terceira unidade, nosso propósito é discutir sobre a aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética. Focaremos nossas reflexões em temas como:

- o porquê de o alfabeto ser um sistema notacional e não um código,
- o percurso evolutivo das crianças para compreender o Sistema de Escrita Alfabética (SEA),
- o papel de certas habilidades de consciência fonológica na apropriação do SEA e
- as alternativas didáticas para o ensino do sistema alfabético.

Aprofundando o tema

A escrita alfabética: por que ela é um sistema notacional e não um código? Como as crianças dela se apropriam?

Artur Gomes de Moraes e Tânia Maria S.B. Rios Leite

Os antigos métodos de alfabetização, elaborados em épocas nas quais não dispúnhamos dos conhecimentos que hoje a psicolinguística nos oferece, tinham (e têm) uma visão muito equivocada sobre como um indivíduo aprende a escrita alfabética. Segundo aqueles métodos – por exemplo, o método silábico ou o fônico –, a criança seria uma “tábula rasa” que, repetindo informações prontas, transmitidas pela professora ou pelo autor da cartilha, se alfabetizaria sem ter que modificar suas ideias prévias sobre a escrita, de modo a compreender como o alfabeto funciona.



Por a escrita alfabética ser um sistema notacional, seu aprendizado é um processo cognitivo complexo, no qual as habilidades perceptivas e motoras não têm um peso fundamental.

É em função de tais evidências que precisamos recriar as metodologias de alfabetização, garantindo um ensino sistemático que, através de atividades reflexivas, desafiem o aprendiz a compreender como a escrita alfabética funciona, para poder dominar suas convenções letra-som.



Por que o alfabeto é um sistema notacional e não um código?

A=◀	B=▶	C=▲	Ç=▼	D=△
E=▽	F=◁	G=▷	H=□	I=◀
J=➔	K=⬆	L=⬇	M=0	N=↔
O=↔	P=◊	Q=∪	R=^	S=∧
T=▲	U=▲	V=◀	W=▶	X=⬇
Y=⬆	Z=#			

Fig.1 Exemplo de símbolos de um código criado por uma criança que já domina o SEA.

Aprofundando o tema

No exemplo citado, as crianças (**já alfabetizadas!!!**), de fato, estavam usando um código que dominaram sem dificuldade, exatamente porque já estavam bem alfabetizadas. Mas, para um aprendiz que ainda não está alfabetizado, dominar o alfabeto é um processo bem mais complexo: requer compreender as propriedades do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Se pensarmos num outro sistema notacional, como é o caso do sistema de numeração decimal, talvez fique mais claro o que estamos afirmando.

Para usar os números de forma produtiva, uma criança tem não só que decorar o formato e o nome dos algarismos, mas reconstruir, em sua mente, certas propriedades complexas daquele sistema.

Por exemplo, ela precisará entender que um 5 sozinho, significa 5 unidades; um 5 colocado ao lado esquerdo de outro 5, significa 50; um 5 seguido de dois outros números (como em 523) significa 500, e assim por diante.

Isto é, ela tem que compreender a lógica de valor posicional dos números. Ao mesmo tempo, ela precisará ter compreendido que uma quantidade representada por um número (por exemplo, 5) é a mesma, independentemente dos objetos que ela substitui serem grandes ou pequenos, de estarem juntos ou separados, além de outros princípios importantes desse sistema. Sem compreender tais princípios, o indivíduo não terá como realizar operações aritméticas.

Por que o alfabeto é um sistema notacional e não um código?

Como demonstrou Ferreiro (1985), para aprender como o SEA funciona, a criança também vive um sério trabalho conceitual, por meio do qual vai ter que desvendar **duas questões**:

- o que é que as letras notam (isto é, registram)?

Características dos objetos que a palavra substitui (o tamanho, a forma etc.) ou a sequência de partes sonoras da palavra?

- como as letras criam notações (ou palavras escritas)?

Colocando letras em função do tamanho ou de outras características do objeto que a palavra designa? Colocando letras conforme os pedaços sonoros da palavra que pronunciamos? Neste caso, colocando uma letra para cada sílaba oral ou colocando letras para os “sons pequenininhos” que formam as sílabas orais?

Quadro1. Propriedades do SEA que o aprendiz precisa reconstruir para se tornar alfabetizado (fonte: MORAIS, 2012).

1. Escreve-se com letras, que não podem ser inventadas, que têm um repertório finito e que são diferentes de números e de outros símbolos.
2. As letras têm formatos fixos e pequenas variações produzem mudanças na identidade das mesmas (p, q, b, d), embora uma letra assuma formatos variados (P, p, P, p).
3. A ordem das letras no interior da palavra não pode ser mudada.
4. Uma letra pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras, ao mesmo tempo em que distintas palavras compartilham as mesmas letras.
5. Nem todas as letras podem ocupar certas posições no interior das palavras e nem todas as letras podem vir juntas de quaisquer outras.

Quadro1. Propriedades do SEA que o aprendiz precisa reconstruir para se tornar alfabetizado (fonte: MORAIS, 2012).

6. As letras notam ou substituem a pauta sonora das palavras que pronunciamos e nunca levam em conta as características físicas ou funcionais dos referentes que substituem.
7. As letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos.
8. As letras têm valores sonoros fixos, apesar de muitas terem mais de um valor sonoro e certos sons poderem ser notados com mais de uma letra.
9. Além de letras, na escrita de palavras, usam-se, também, algumas marcas (acentos) que podem modificar a tonicidade ou o som das letras ou sílabas onde aparecem.
10. As sílabas podem variar quanto às combinações entre consoantes e vogais (CV, CCV, CVV, CVC, V, VC, VCC, CCVCC...), mas a estrutura predominante no português é a sílaba CV (consoante – vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

Quando os adultos julgam que a escrita alfabética é “um código”, adotam uma visão adultocêntrica, que ignora toda a complexidade a que estamos nos referindo. O adulto, nesta visão equivocada, atribui à criança um funcionamento que não corresponde ao modo real como sua mente opera.



O que são sistemas notacionais?

Assim como a numeração decimal e a moderna notação musical (com pentagrama, claves de sol, fá e ré), a escrita alfabética é um sistema notacional. Nestes sistemas, temos não só um conjunto de “caracteres” ou símbolos (números, notas musicais, letras), mas, **para cada sistema, há um conjunto de “regras” ou propriedades**, que definem rigidamente como aqueles símbolos funcionam para poder substituir os elementos da realidade que notam ou registram.

Conforme a teoria da psicogênese da escrita, elaborada por Ferreiro e Teberosky, os aprendizes passam por quatro períodos nos quais têm diferentes hipóteses ou explicações para como a escrita alfabética funciona:

pré-silábico,
silábico,
silábico-alfabético e
alfabético.

- No período pré-silábico,

a criança ainda não entende que o que a escrita registra é a sequência de “pedaços sonoros” das palavras. Num momento muito inicial, a criança, ao distinguir desenho de escrita, começa a produzir rabiscos, bolinhas e garatujas que ainda não são letras. À medida que vai observando as palavras ao seu redor (e aprendendo a reproduzir seu nome próprio ou outras palavras), ela passa a usar letras, mas sem estabelecer relação entre elas e as partes orais da palavra que quer escrever. Pode, inclusive, apresentar o que alguns estudiosos chamaram de realismo nominal, que a leva a pensar que coisas grandes (casa, carro) seriam escritas com muitas letras, ao passo que coisas pequenas (formiguinha, por exemplo) seriam escritas com poucas letras. Nessa longa etapa pré-silábica, sem que os adultos lhe ensinem, a criança cria duas hipóteses absolutamente originais:

- No período pré-silábico,

- a hipótese de *quantidade mínima*, segundo a qual é preciso ter no mínimo 3 (ou 2) letras para que algo possa ser lido; e - a *hipótese de variedade*, ao descobrir que, para escrever palavras diferentes, é preciso

variar a quantidade e a ordem das letras que usa, assim como o próprio repertório de letras que coloca no papel. De modo parecido, a criança passa a conceber que, no interior de uma palavra, as letras têm que variar. A figura 2 apresenta escritas pré-silábicas produzidas por diferentes alunos, no final da educação infantil. Se pedirmos à criança que leia o que acabou de escrever, apontando com o dedo, nessa etapa, ela geralmente não busca fazer relações entre as partes escritas (letras, agrupamentos de letras) e as partes orais das palavras em foco.

- No período pré-silábico,

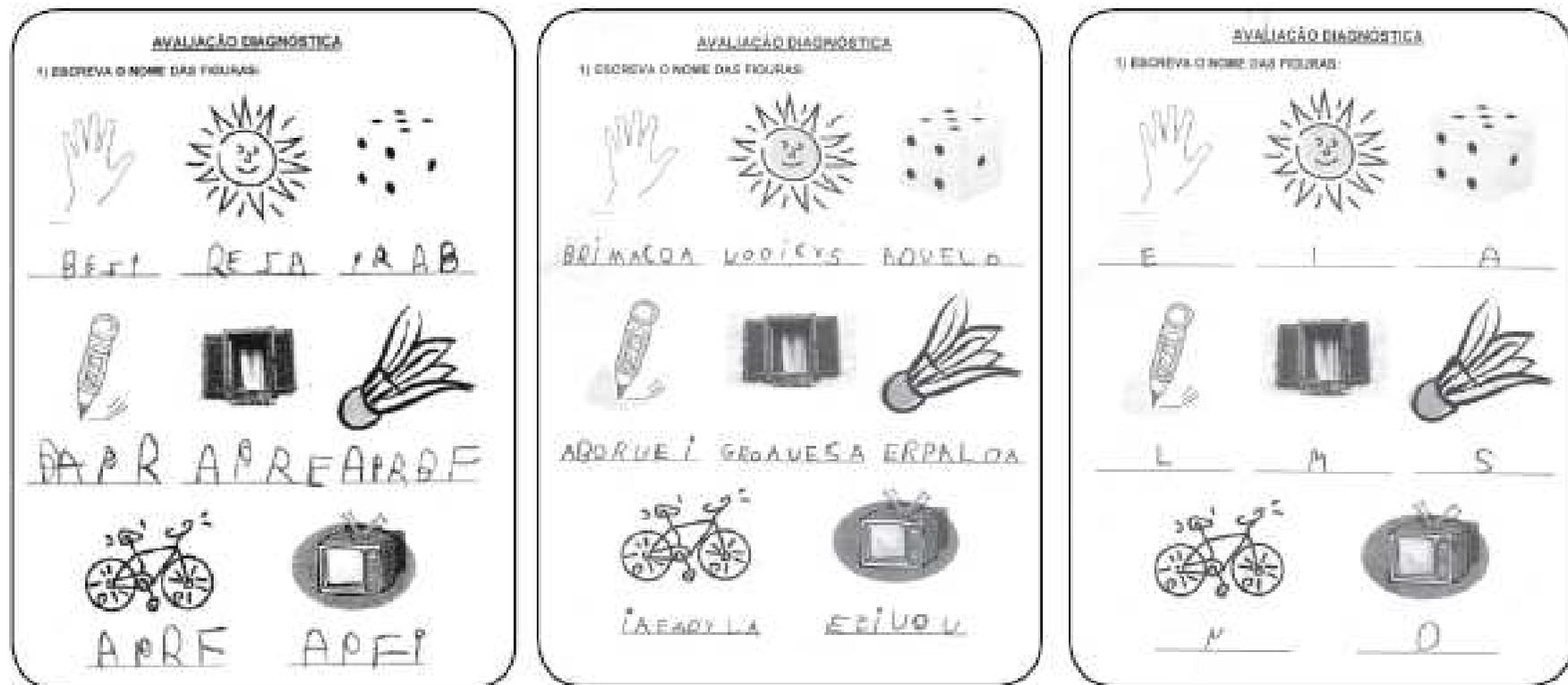


Fig. 2. Exemplos de escritas de crianças com hipóteses pré-silábicas

- No período silábico,

ocorre uma revolução. A criança descobre que o que coloca no papel tem a ver com as partes orais que pronuncia, ao falar as palavras. Mas, nessa etapa, ela acha que as letras substituem as sílabas que pronuncia. Num momento de transição inicial, a criança ainda não planeja, cuidadosamente, quantas e quais letras vai colocar para cada palavra, mas demonstra que está começando a compreender que a escrita nota a pauta sonora das palavras, porque, ao ler o que acabou de escrever, busca fazer coincidir as sílabas orais que pronuncia com as letras que colocou no papel, de modo a não deixar que sobrem letras (no que escreveu).

Esse tipo de hipótese é ilustrado pela primeira escrita apresentada na figura 3, abaixo.

- No período silábico,

As escritas silábicas *estritas*, que aparecem depois, seguem uma regra exigente: uma letra para cada sílaba pronunciada. Tais escritas podem ser de dois tipos:

- **silábicas quantitativas ou “sem valor sonoro”**, nas quais a criança tende a colocar, de forma rigorosa, uma letra para cada sílaba pronunciada, mas, na maior parte das vezes, usa letras que não correspondem

a segmentos das sílabas orais da palavra escrita. Esse tipo de escrita, que não observamos em todas as crianças, também é ilustrado na figura 3;

- **silábicas qualitativas ou “com valor sonoro”**, nas quais a criança se preocupa em colocar não só uma letra para cada sílaba da palavra que está escrevendo, mas também letras que correspondem a sons contidos nas sílabas orais daquela palavra. Assim, como ilustra o último tipo de escrita apresentado pela figura 3, é comum as crianças colocarem as vogais de cada sílaba.

Mas, em alguns casos, elas também podem colocar consoantes, como E T K para *peteca*.

- No período silábico,

Apesar da grande evolução que conseguiu, a criança vai sofrer uma série de conflitos ao ver que sempre escreve as palavras com menos letras do que as usadas pela professora ou por meninos e meninas já alfabetizados.

Ao tentar escrever as palavras bota e sopa, ela pode registrar no papel, para cada palavra, apenas as vogais O A e ficar “embatucada”, diante de hipóteses que tinha elaborado antes:

como podem duas coisas diferentes ser escritas com as mesmas letras e estas aparecerem na mesma ordem?

Como pode ser palavra algo que tem tão poucas letras?



palavra

- No período silábico,

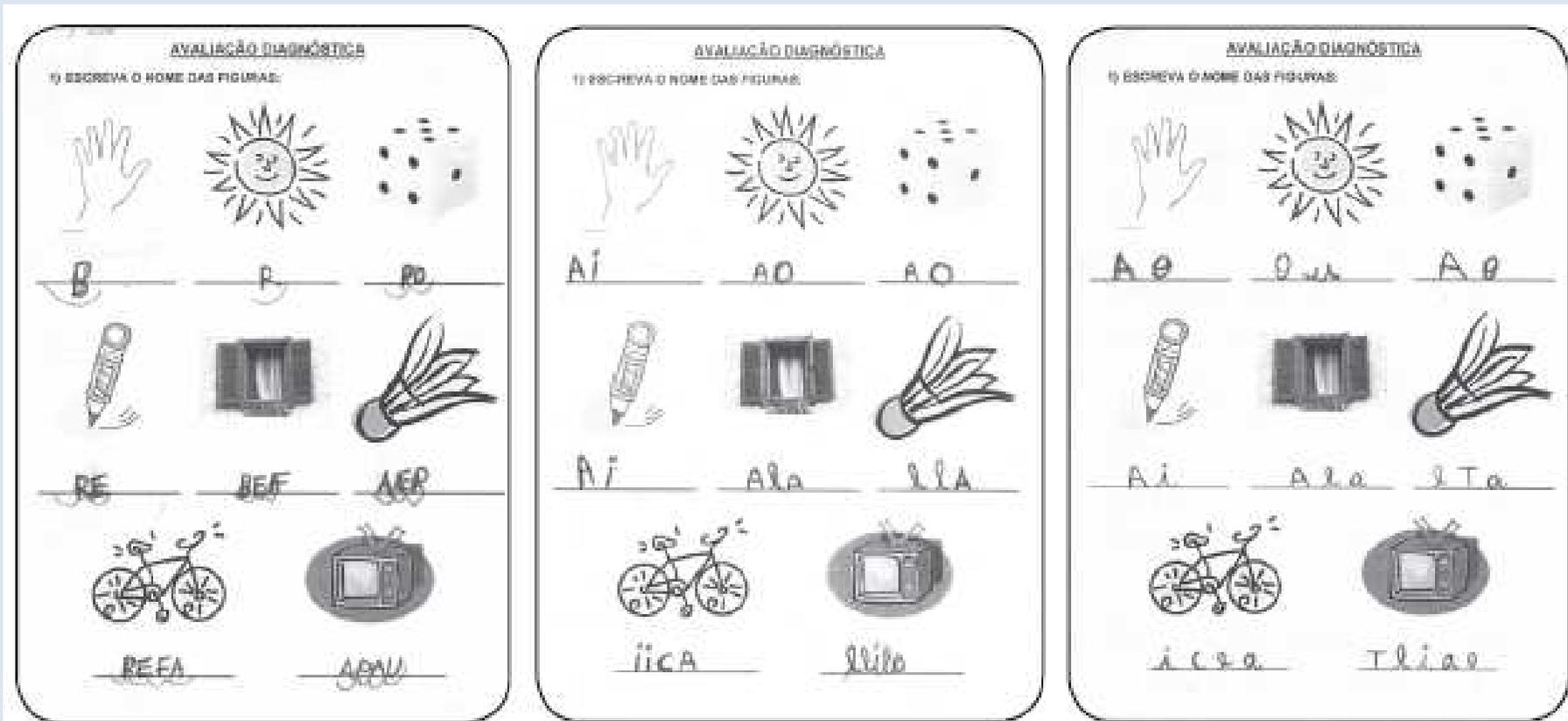


Fig. 3. Exemplos de escritas de crianças com hipóteses silábicas

- No período silábico-alfabético,

um novo e enorme salto qualitativo ocorre e a criança começa a entender que o que a escrita nota ou registra no papel tem a ver com os pedaços sonoros das palavras, mas que é preciso “observar os sonzinhos no interior das sílabas”.

Alguns estudiosos consideram que tal etapa de transição não constitui em si um novo nível ou nova hipótese, mas uma clara fase “de transição”. Ao notar uma palavra, ora a criança coloca duas ou mais letras para escrever determinada sílaba, ora volta a pensar conforme a hipótese silábica e põe apenas uma letra para uma sílaba inteira. A figura 4 traz exemplos de escritas silábico-alfabéticas.

- No período silábico-alfabético,

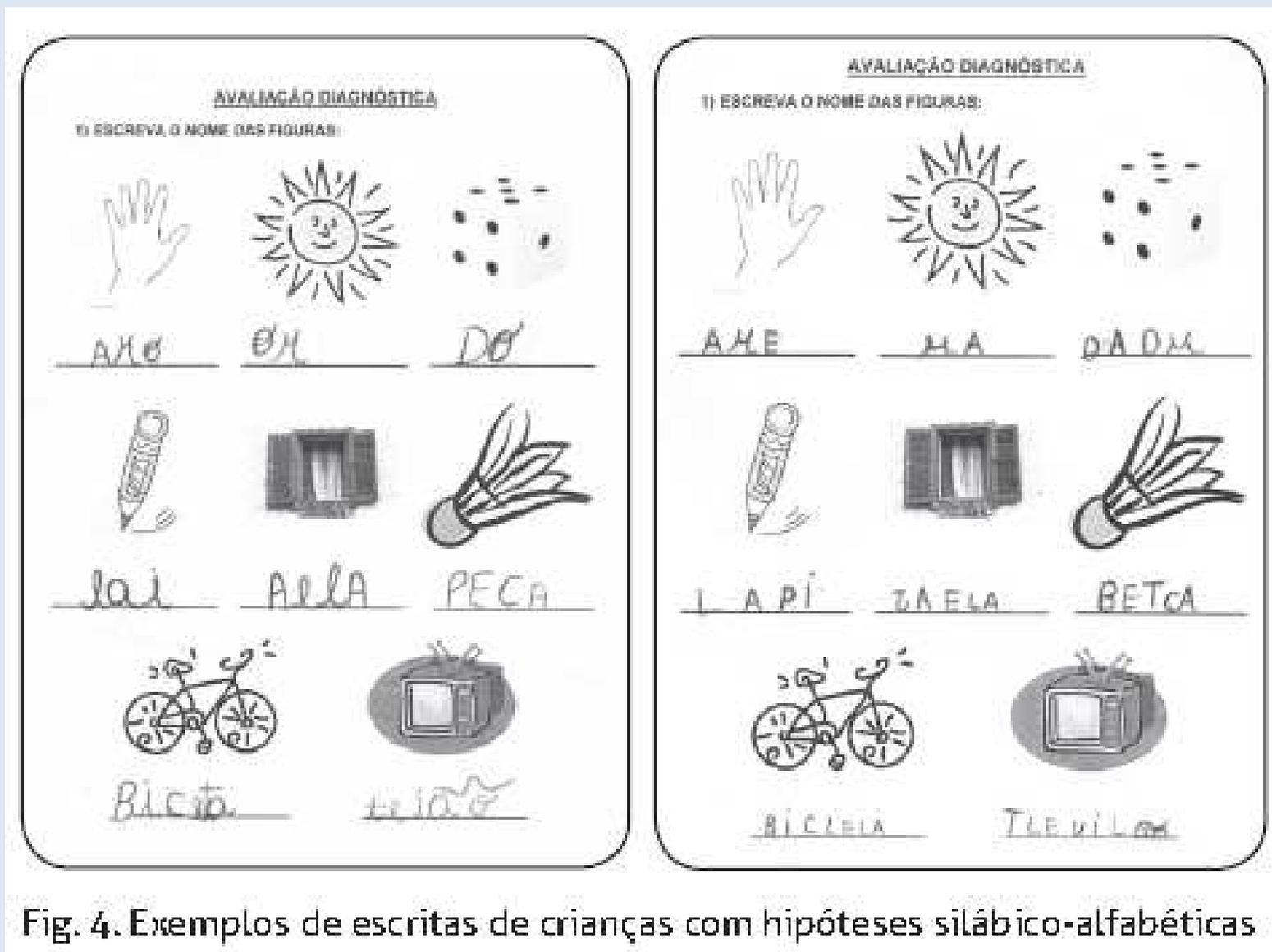
Como você já deve ter observado, certas letras (como B, C, D, G, K, P, Q, T, V, Z) cujos nomes correspondem a sílabas CV (consoante – vogal), tendem a aparecer substituindo sílabas inteiras na escrita de crianças que se encontram nessa etapa. Assim, encontramos

BLEZA para *beleza*

ou

LAPZRA para *lapiseira*.

- No período silábico-alfabético,



- Finalmente, no período alfabético,

as crianças escrevem com muitos erros ortográficos, mas já seguindo o princípio de que a escrita nota, de modo exaustivo, a pauta sonora das palavras, colocando letras para cada um dos “sonzinhos” que aparecem em cada sílaba. A figura 5 traz exemplos de escrita produzida por uma criança que chegou a essa última etapa do processo de apropriação do sistema alfabético.

- Finalmente, no período alfabético,

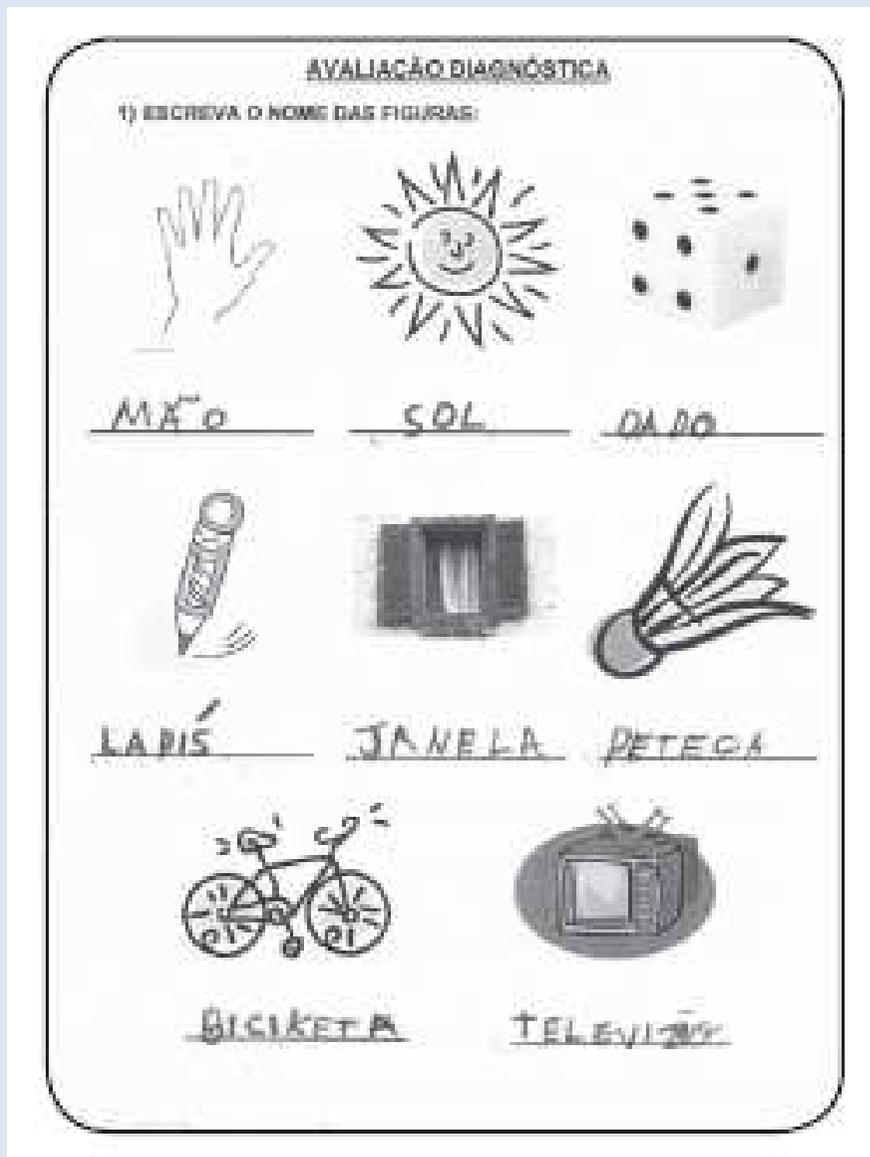


Fig. 5. Exemplo de escritas de uma criança com hipótese alfabética.

- Finalmente, no período alfabético,

Também devemos estar atentos para o fato de que *ter alcançado uma hipótese alfabética não é sinônimo de estar alfabetizado*. Se já compreendeu como o SEA funciona, a criança tem agora que dominar as convenções som-grafia de nossa língua. Esse é um aprendizado de tipo não conceitual, que vai requerer um ensino sistemático e repetição, de modo a produzir automatismos.

- Finalmente, no período alfabético,

A figura 6 mostra a evolução da escrita de uma criança. Tendo uma hipótese pré-silábica em março, ela concluiu o primeiro ano com uma clara hipótese alfabética.

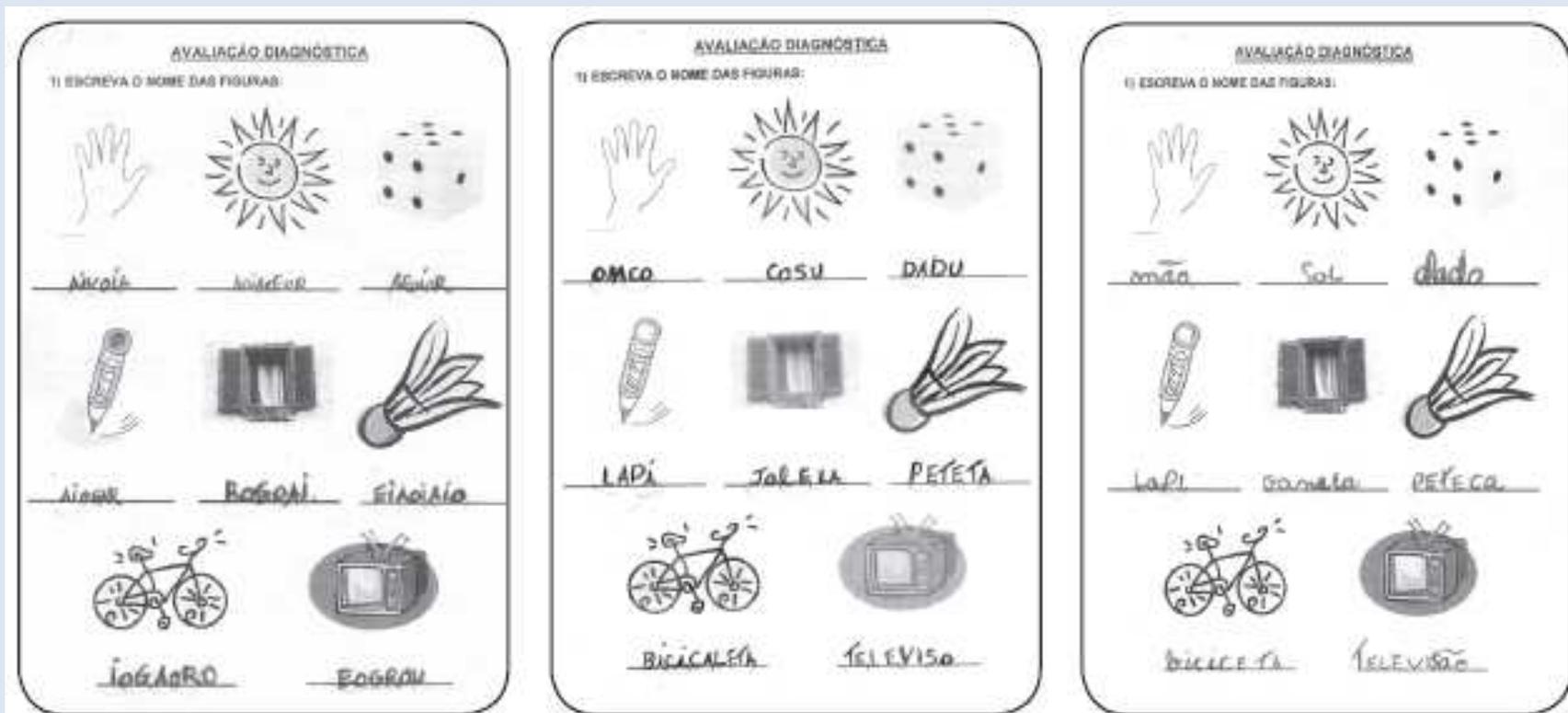


Fig.6. – Hipóteses de escrita de uma aluna no início, no meio e no fim do ano letivo.

- Finalmente, no período alfabético,

[U]ma criança pré-silábica não pode se tornar alfabética porque lhe damos “uma aulinha”, explicando que as letras notam os fonemas ou sonzinhos das palavras.

Não é porque os adultos criam explicações sobre “abraços” de letras “amiguinhas” que a criança vai, magicamente, da noite para o dia, mudar sua maneira de pensar.

Para isso, ela precisa ser desafiada, ser convidada a refletir sobre as palavras, observando, no interior das mesmas, as partes orais e escritas. É sobre isso que trataremos no segundo texto.

Aprofundando o tema

O Ensino do Sistema de Escrita Alfabética: por que vale a pena promover algumas habilidades de consciência fonológica?

Artur Gomes de Morais e
Tânia Maria S.B. Rios Leite

Pág. 19 à 26.



CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

"A aprendizagem formal da linguagem escrita num sistemaalfabético, como é a língua portuguesa, exige dos leitores a consciência de que a escrita representa uma sucessão deunidades fonológicas, existindo uma correspondênciaentre essas unidades no uso oral e na respectiva representação escrita."

Sim-Sim



FEVEREIRO/2013

COMPARTILHANDO

Pág. 27 à 42:

Trabalho com Livro Didático em Sala de Aula;

Os Jogos como importante recurso didático para a aprendizagem do SEA;

Trabalhando em sala de aula com os livros dos acervos complementares.

Aprendendo mais
Sugestão de 4 textos – vide pág. 43-45

Sugestões de atividades para os encontros em grupos – vide pág.46-48

Obrigado!
Formadores do Polo Poços de Caldas
CEAD - UFOP